

VII Congresso Latino-Americano de Estudos de Trabalho
O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas

GT 15: Conflictividad laboral, sindicalismo y movimientos sociales em América Latina em el siglo XXI.

**Poder, Gênero e Identidades:
um novo momento no sindicalismo**

Autor: Leonardo José Ostronoff

Poder, Gênero e Identidades: um novo momento no sindicalismo.

Resumo Simples:

Os sindicatos passam por uma difícil situação nos últimos anos: o número de filiados diminuiu e o poder político também. Alguns autores acreditam que isso significaria fim do sindicalismo, porém, este trabalho demonstra que não. As causas da crise são a adaptação deste movimento frente a um novo momento social, em que as políticas de identidade entram em cena. Destas, a de gênero tem se destacado. Porém, as mulheres não têm conseguido alcance igual ao dos homens ao poder. Existem avanços na construção da igualdade entre gêneros, mas ainda existe muito a ser feito. O sindicalismo tem investido nessas novas áreas e tem respondido bem ao novo momento social, mostrando que apesar das contradições nas questões de identidade e principalmente na questão de mulheres, não se concentra somente no padrão trabalhista e do emprego, mas avança para a dimensão da vida do trabalhador.

OBJETO e sua construção.

Este paper é resultado da minha Dissertação de Mestrado: Poder, Gênero e Identidades: Um Novo Momento no Sindicalismo, defendida em 2006 no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Professora Dra. Heloísa Helena de Souza Martins. Rodrigues (2002) afirma que os sindicatos estariam passando por uma difícil situação em todo mundo, que se expressa na queda do número de trabalhadores na base e na proporção de trabalhadores filiados e no declínio das taxas de greve, dois fenômenos indicativos do enfraquecimento do sindicalismo como instituição e do poder sindical como fator político. Esse autor afirma que os sindicatos não estariam em crise, pois este conceito significa uma alteração súbita nos rumos de um processo, uma ruptura de uma situação de equilíbrio ou de um desenvolvimento que até então seguia rumos normais, quer dizer, previsíveis. No uso do comum, o termo seria utilizado com o significado de uma mudança negativa, indicando uma conjuntura perigosa, uma fase difícil de um sistema econômico, de uma relação social.

Então, segundo o mesmo autor, os sindicatos estariam em declínio, conceito que significa entrar em decadência, decair, perder vitalidade de modo inexorável, ainda que o ritmo possa ser lento ou mais rápido. Referido a uma dada instituição, declínio indica um enfraquecimento que não necessita acontecer súbita ou rapidamente. No caso do sindicalismo, “crise” não seria necessariamente sinônimo de agonia, pois o sindicalismo poderia estar passando por uma fase difícil, mas passível de superação após algumas reformas. Já o termo declínio remete a um processo de debilidade do organismo, mas que não deve forçosamente provocar alterações bruscas nas formas de organização, mas estratégicas, nos valores da instituição sindical. O declínio não tem cura, portanto os sindicatos não poderiam reverter esse processo. Esse autor afirma que “... não haveria espaço para o movimento sindical na sociedade de serviço do próximo século” (RODRIGUES, 2002:166). Para ele, o que na década de 1970 parecia uma crise foi adquirindo, na década de 1980, o caráter de um declínio. Este seria o resultado das

mudanças ambientais e da criação de um novo habitat no qual o sindicalismo vem dificuldades para se adaptar.

Em meu projeto tinha por pressuposto que os sindicatos não estão em declínio, pois estão diante de uma nova realidade, diante de novas questões e valores. Mas trata-se de uma discussão extremamente polêmica e que envolve inúmeros autores. Segundo Leonardo Melo e Silva:

“Não há porque enxergar nesse processo um desvirtuamento do sindicalismo, senão uma influência maior de uma perspectiva coletiva e solidária, traçando o contorno da questão social do presente. Afinal, assim como houve uma questão típica do século XIX, uma questão social típica do período de crescimento fordista, talvez estejamos testemunhando a emergência de uma nova questão social nos dias que correm.” (MELO e SILVA, 2002:215).

Entendendo que esse novo momento é um período do bio-poder segundo Foucault, no qual a questão da política é a da própria vida, o corpo. Isso explica o fortalecimento da pauta de gênero, e a demanda de gênero nos sindicatos. O que também explica meu interesse pelo tema, pois investigá-lo é ao mesmo tempo entender como se desenvolvem as novas pautas do sindicalismo.

A proposta do meu projeto de pesquisa consistia na análise das relações de gênero no interior com sindicalismo brasileiro, mais precisamente um estudo de caso do Sindicato dos Químicos de São Paulo. As motivações desse trabalho foram muitas. Dentre as quais destaco três experiências: movimento estudantil, onde tomei contato com a discussão feminista, e encontrei militantes mulheres que lutavam por essa causa, o que me despertou o interesse por tal discussão. A segunda experiência foi a realização de minha iniciação científica em 2002, quando estudava a questão da construção da solidariedade nas cooperativas de produção. Pude, então, conhecer militantes do movimento sindical e tomar contato com uma cultura política que, no meu entender, era baseada em valores machistas.

Foi na terceira experiência de pesquisa, quando trabalhei durante um ano no DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) em 2004, essa impressão tornou-se mais forte. Em conversas com sindicalistas, pude perceber que, muitas vezes, tratavam as mulheres como um símbolo de status, uma vez que parte do prestígio, enquanto dirigentes sindicais estavam associados à virilidade

desses militantes, ou seja, em suas conquistas sexuais. Tive a oportunidade de almoçar diversas vezes com os dirigentes, nessas ocasiões, os comentários, na maioria das vezes jocosos, eram sempre sobre mulheres, tratando-as como se fossem objetos.

Desse modo, essas experiências dirigiam meu olhar para três temas que nem sempre aparecem relacionados: os estudos sobre gênero, trabalho e militância sindical. Assim, meu objeto na pesquisa tornou-se as relações de gênero no interior do Sindicato dos Químicos de São Paulo. O discurso sindical era de que 30% de cotas dariam acesso às mulheres ao poder. Mas a simples entrada de mulheres seria suficiente para alterar as relações de poder? Por questão investigativa procurava responder se a entrada de mulheres nos espaços de direção de fato alteravam as relações de poder entre os homens e mulheres.

Meus objetivos eram:

- 1) Investigar as relações de gênero no interior do sindicalismo brasileiro.
- 2) Demonstrar que o sindicalismo não está no fim, mas que está se adaptando a um novo momento social.

METODOLOGIA

Como não poderia analisar todo o movimento sindical, realizei durante dois anos um Estudo de caso no Sindicato dos Químicos de São Paulo. Para responder minha questão investigativa tomei por base a etnografia, pois dessa maneira pude investigar com proximidade como as relações de gênero se desenvolviam no interior do sindicato. Para tanto, não pude realizar uma etnografia propriamente dita, pois seria necessário estar cotidianamente na entidade sindical, o que seria inviável. Mas as técnicas etnográficas foram importantes, pois permitiriam através dos detalhes e incongruências desvendar as relações de gênero no interior do sindicato. Dessa maneira, o método empregado foi a observação direta do sindicato.

RESULTADOS

- 1) As cotas não proporcionaram um acesso aos espaços de maior poder na estrutura sindical, mas significaram um grande avanço na luta das mulheres contra o machismo nas entidades sindicais. As cotas têm que ser entendidas não como fim, mas, sim, como uma etapa relevante para a construção do feminismo. A pesquisa demonstrou que a discussão da questão de gênero é maior do que as cotas, abrangendo toda uma história de militância.
- 2) A ideia de que a questão de gênero era vista como política de captura se confirma.
- 3) O fim do sindicalismo preconizado por Rodrigues não se confirma, muito pelo contrário, as novas frentes têm feito o sindicalismo ganhar novos militantes em espaços nos quais antes sequer o discurso sindical chegava.
- 4) A questão das mulheres nos sindicatos tem aumentado sua expressão.
- 5) Existe uma nova maneira de se atuar no movimento sindical brasileiro, as políticas de identidade são relevantes tanto internamente quanto extremamente às instituições. Pensar sindicalismo atualmente como somente relacionado às questões trabalhistas é um equívoco, pois a compreensão predominante é que a defesa dos trabalhadores tem de passar pelo conceito de vida, não somente restrito aos assuntos referentes aos direitos trabalhistas.
- 6) As políticas de identidade se colocam como uma resposta do movimento sindical às transformações na contemporaneidade.
- 7) No sindicalismo o trabalho de mulheres não exclui os homens. Existem espaços mistos onde são feitas discussões com os homens também, além da auto-organização das mulheres.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes o feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagu, n.11, p.11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo “Contigent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism”, no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade- A Vontade de Saber, Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo edições Loyola, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MELO; SILVA, Leonardo. Novas formas de ação sindical. In: A Química da Cidadania. São Paulo: Viramundo, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. Tempo Social v.2, n.2, p 7-37, 1999.

RODRIGUES, Iram Jácome. Transformações no Mundo do trabalho e Dilemas do Sindicalismo in Silva, Josué Pereira (*); Rodrigues, Iram Jácome, orgs. André Gorz e seus críticos. São Paulo: Annablume, 2006.

RODRIGUES, Leôncio Martins, Destino do Sindicalismo. São Paulo: EDUSP, 2002.

RUBIN, Gayle. “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality” [1984] 1999.